



O QUE DETERMINA A ESCOLHA POR UM CURSO? UM ESTUDO SOBRE OS MOTIVOS, OS ASPECTOS E AS RAZÕES QUE CONDUZIRAM PEDAGOGOS A OPTAREM PELO CURSO DE PEDAGOGIA

Nilzilene Imaculada LUCINDO¹
Regina Magna Bonifácio de ARAÚJO²

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo construído a partir dos textos obtidos em entrevistas semiestruturadas, realizadas com pedagogos, em que se verificaram os aspectos que levaram esses profissionais a se identificarem com a área educacional, a cursar Pedagogia e optarem ou não por esta profissão, caso fizessem a escolha hoje. O texto é um recorte dos dados coletados para uma pesquisa de Mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFOP. A metodologia, de cunho biográfico, fez uso de um questionário, que buscou identificar o perfil dos pedagogos e uma entrevista semiestruturada, elaborada nesta perspectiva, que procurou explicitar as vozes dos sujeitos que narraram suas histórias, experiências, seus contextos, as influências sofridas e suas escolhas. Os resultados indicaram os vários aspectos que conduziram os pedagogos a se identificarem com a área educacional: a opção pessoal e o gosto pela área educacional; o desejo e o sonho de criança; a influência da família e até mesmo a falta de opção. Sobre a motivação para cursar Pedagogia, para a maioria, o curso de Magistério foi decisivo. Quanto à escolha por uma profissão hoje, 90% dos entrevistados optariam novamente pelo curso. A abordagem adotada permitiu explicitar sentimentos e representações acerca das escolhas dos pedagogos e evidenciou que a opção pelo curso sofreu influência das questões de gênero, tempo histórico e espaço geográfico, além de outras referências.

Palavras-chave: Curso de Pedagogia. Formação do pedagogo. Escolha profissional.

¹ Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Ouro Preto, é Pós-Graduada em Gestão de Pessoas com ênfase em Pedagogia Empresarial e Gestão Contemporânea da Educação Escolar pelo CEPENMG e em Supervisão, Orientação e Inspeção Escolar pelo IST / SOCIESC. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Ouro Preto, é membro do FOPROFI - Grupo de Pesquisa Formação e Profissão Docente do DEEDU / UFOP e membro associado da ANPED e ANPAE. Atua no Centro de Extensão do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, onde também coordena um projeto voltado para a formação de pedagogos e licenciandos de Pedagogia. E-mail: nilzileneLucindo@yahoo.com.br

² Professora, possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1979), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1999), Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP (2007) e Pós-doutorado em Ciência da Educação pela Universidade de Lisboa (2014/2015). Professora titular - Adjunto III, Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto, professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto e membro do FOPROFI - Grupo de Pesquisa Formação e Profissão Docente. E-mail: regina.magna@hotmail.com

**WHAT DETERMINE THE CHOICE FOR A COURSE?
A STUDY ON THE REASONS, THE ASPECTS AND THE REASONS LEADING
TEACHERS TO GO BY PEDAGOGY COURSE**

ABSTRACT

This article presents a study built from the texts obtained from semi-structured interviews conducted with teachers, where there have been aspects that led these professionals to identify with the educational area, to attend Pedagogy and opt or not for this profession if they did the choice today. The text is an excerpt of the data collected for a Master's research developed in the Graduate Education UFOP Program. The methodology, biographical nature, made use of a questionnaire, which sought to identify the profile of pedagogues and a semi-structured interview, designed in this perspective, which sought to explain the voices of the subjects who narrated their stories, experiences, their contexts, suffered influences and your choices. The results indicated the various aspects that led the pedagogues to identify with the educational area: a personal choice and taste for educational area; the desire and the child's dream; the influence of the family and even the lack of choice. About the motivation to study pedagogy, for most, the course of the Magisterium was decisive. As for the choice of a profession today, 90% of respondents would choose again the course. The approach adopted has highlighted feelings and representations about the choices of pedagogues and showed that the choice of course was influenced by gender, historical time and geographical space, as well as other references.

Keywords: Education course. Formation of the pedagogue. Professional choice.

1 O ESTUDO PROPOSTO

A escolha por uma profissão não é realizada aleatoriamente e está sujeita à interferência de diversos aspectos, dentre esses, o ambiente social e familiar, os fatores culturais e socioeconômicos. Desejo, características pessoais, colegas, professores, escola, espaços frequentados, experiências profissionais, são fatores que influenciam no momento de tomarmos uma decisão em relação a qual carreira seguir. Para Saraiva e Ferenc (2010) um elemento capaz de auxiliar na compreensão das trajetórias escolares é a origem social e cultural dos sujeitos.

Os motivos que conduzem os indivíduos a realizarem suas escolhas se tornam fatores determinantes da formação acadêmica e da atuação profissional. Considerá-los é relevante não apenas para esclarecer as trajetórias dos sujeitos, mas também para nos auxiliar a compreender a constituição do ser professor, segundo afirma Goodson (1992).

Este texto se propõe a apresentar um estudo sobre os motivos, os aspectos e as razões que conduziram os pedagogos que atuam nas instituições de ensino público da jurisdição da

Superintendência Regional de Ensino de Ouro Preto (SRE-OP³) a ingressarem na área educacional e a optarem pelo curso de Pedagogia. Trata-se de um recorte dos dados coletados para a pesquisa de Mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto, investigação que permitiu identificar os aspectos históricos e legais do curso de Pedagogia no Brasil, o perfil desses pedagogos, os motivos que os conduziram a ingressar no curso de Pedagogia, como se constituiu seu processo de formação inicial e como ocorre a formação continuada no âmbito de sua atuação profissional.

Na elaboração deste artigo, optamos por trabalhar com três temáticas que integraram o *corpus* da entrevista realizada com os sujeitos que constituíram o quadro empírico da referenciada pesquisa. As temáticas selecionadas para o presente texto foram: identificação com a área educacional; motivação para cursar Pedagogia e a escolha por uma profissão hoje. Essas temáticas embasarão o desenvolvimento deste artigo, que possui como objetivos: verificar as influências que levaram os sujeitos a se identificarem com a área educacional; identificar os motivos que conduziram os entrevistados a cursarem Pedagogia; levantar os aspectos que foram determinantes para que os pedagogos optassem ou não por esta profissão, caso fizessem a escolha hoje.

Esse estudo de abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), utilizou como metodologia a pesquisa bibliográfica e de campo. Os dados foram coletados a partir de um questionário que buscou identificar o perfil dos entrevistados e da entrevista semiestruturada, elaborada na perspectiva da abordagem biográfica, que procurou explicitar as questões investigadas partindo das vozes dos sujeitos que narraram a partir de suas memórias, as histórias, as experiências, seus contextos, as influências sofridas, suas escolhas e preferências. O referencial teórico foi embasado nos estudos de Goodson (1992); Cunha (1997); Souza (2006); Delory-Momberger (2011; 2012), dentre outros. A análise dos dados foi desenvolvida com base nos depoimentos dos entrevistados, conforme a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

Constitui o grupo de entrevistados dez pedagogos que atuam em escolas da Educação Básica dos municípios de Itabirito, Mariana e Ouro Preto, em Minas Gerais. O processo de seleção desses sujeitos se deu com base nos seguintes critérios: interesse em participar da pesquisa; atuar em instituição de ensino público localizada em um dos cinco municípios que

³ De acordo com a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, as Superintendências Regionais de Ensino – SRE têm por finalidade exercer, em nível regional, as ações de supervisão técnica, orientação normativa, cooperação e de articulação e integração Estado e Município em consonância com as diretrizes e políticas educacionais. A SRE de Ouro Preto tem sede na cidade de Ouro Preto - Minas Gerais e é constituída por cinco municípios: Acaiaca, Diogo de Vasconcelos, Itabirito, Mariana e Ouro Preto.

compõe a jurisdição da SRE-OP; possuir cargo efetivo e atuar ou já ter atuado no Ensino Fundamental. Optamos por trabalhar com o pedagogo que atuava na coordenação pedagógica e não com o pedagogo que atuava em sala de aula ou na direção escolar.

O foco recaiu sobre profissionais no exercício da função tendo em vista o nosso interesse em dar voz a esses sujeitos e por considerar que, a partir de suas narrativas, o sujeito, além de expressar dimensões da sua experiência individual, produz conhecimentos e colabora com a formação de outrem ao compartilhar sua experiência e seus conhecimentos. Não obstante, a narrativa extrapola o papel de instrumento de coleta de dados ao se constituir uma alternativa que possibilita a formação e a reflexão em torno das práticas docentes (CUNHA, 1997; SOUZA, 2006). Soma-se a isso a possibilidade de ressignificar os processos formativos, tanto no âmbito da formação inicial quanto da formação continuada, a partir das experiências socializadas pelas profissionais no exercício da função. É como afirma Delory-Momberger (2012, p. 529):

O relato, então, não é somente o produto de um “ato de contar”, ele tem também o poder de *produzir efeitos* sobre aquilo que relata. É nesse “poder de agir” do relato que se baseiam, aliás, as propostas de formação que se valem das “histórias de vida” para dar início a processos de mudança e de desenvolvimento nos sujeitos.

Neste sentido, apresentamos os protagonistas da pesquisa e trechos em que esses narram acerca de suas motivações e escolhas que os conduziram à área educacional e ao curso de Pedagogia. As singularidades desveladas nos relatos presentes no texto constituem-se elementos que podem nos auxiliar na compreensão da trajetória desses sujeitos e também nos levar a refletir sobre as nossas próprias escolhas e a nossa trajetória de educadores.

2 QUEM SÃO OS SUJEITOS DA PESQUISA?

Os participantes desta pesquisa concluíram o curso de Pedagogia entre os anos de 1986 e 2008, na vigência do Parecer nº 252/69 (BRASIL, 1969) quando o curso de Pedagogia estava estruturado por habilitações. Esses profissionais obtiveram o título de Licenciado em Pedagogia e as habilitações proporcionadas pelo curso, sendo a Supervisão Pedagógica e o Magistério das Matérias Pedagógicas as habilitações mais cursadas.

A amostra deste estudo empírico constitui-se exclusivamente de profissionais do sexo feminino, dado que comprova que o magistério ainda é uma profissão feminina. Segundo Carvalho (1996), no Brasil, desde os anos 20, já existia essa tendência de a mulher ocupar o cargo de professora primária e, nos anos 90, tomando por base o estado de São Paulo, a autora

registra que há uma intensificação da presença feminina das séries iniciais para as séries finais do 1º grau, para o 2º grau e os cargos de especialistas. A pesquisa de Gatti e Barretto revela que nas licenciaturas 75,4% dos estudantes são do sexo feminino e “as mulheres constituem igualmente a maioria absoluta dos estudantes de Pedagogia” (GATTI; BARRETTO, 2009, p. 162).

Das dez pedagogas, nove cursaram o Magistério de 1º grau (antigo curso Normal) que habilitava para a docência de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Como apontam os dados de Gatti e Barretto (2009) e também de Braúna (2009), o perfil dos entrevistados constitui-se de uma maioria que, antes de ingressar no curso de Pedagogia, passou pela experiência do curso de Magistério. Para Cruz (2011, p. 67), o Magistério mantém uma relação muito próxima com o curso de Pedagogia, pois esse “se afirmou no seu início e, também, durante boa parte do seu percurso como uma continuidade natural ao Curso Normal”.

As entrevistadas atuam em escolas públicas de Educação Básica nos municípios de Itabirito, Mariana e Ouro Preto, em Minas Gerais. A amostra não contemplou profissionais dos municípios de Acaiaca e Diogo de Vasconcelos, visto que os sujeitos identificados na rede estadual em Acaiaca não se interessaram em participar e um deles não possuía vínculo efetivo, um dos critérios estabelecidos na seleção dos sujeitos da pesquisa. Em Diogo de Vasconcelos, os sujeitos identificados nas duas redes são licenciados em outras áreas do conhecimento com Pós-Graduação em Supervisão Escolar, portanto, sua formação inicial não é no curso de Pedagogia e eles não são pedagogos. Esse fato demonstra a situação que é estabelecida pelo artigo 64 da LDB nº 9.394/96 (BRASIL, 1996).

Das dez participantes, cinco atuam na rede estadual e cinco na rede municipal de ensino, contudo, eles já atuaram em outras redes e órgãos educacionais, conforme pode ser verificado na tabela 1.

Tabela 1 – Redes de Ensino e Órgãos em que as pedagogas já atuaram.

Experiência em outras Redes de Ensino e Órgãos	Frequência
Rede Municipal	06
Rede Estadual	03
Rede Federal	00
Rede Privada	02
Secretaria Municipal de Educação	01
Superintendência Regional de Ensino	00
Total	12

Fonte: Elaboração própria a partir de levantamento realizado com os sujeitos.

As entrevistadas também possuem experiência nas funções de docente (nove); diretor (quatro); e vice-diretor (dois). Quanto à experiência na docência, a LDB nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), no seu artigo 67, atesta que “a experiência docente é pré-requisito para o exercício profissional de quaisquer outras funções de magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino”.

Os cargos que elas ocupam possuem nomenclaturas distintas, estabelecidas pelo próprio curso de Pedagogia e pela rede de ensino em que atuam: sete são supervisoras pedagógicas; uma é orientadora educacional e duas pedagogas, demonstrando que ainda hoje convivemos com uma multiplicidade de denominações atribuídas aos profissionais em exercício formados pelo curso de Pedagogia. São diversos os concursos públicos que para a atuação do pedagogo abrem vagas com diferentes especificações: pedagogo, supervisor pedagógico, coordenador pedagógico, gestor educacional etc.

As profissionais foram admitidas nesses cargos mediante concurso público, contudo, hoje, algumas estão exercendo outras funções. Nesta situação, podemos citar três profissionais atuando como diretora de escola; uma como vice-diretora e outra como coordenadora dos supervisores pedagógicos da rede em que atua. Quanto ao tempo de atuação no cargo ocupado, duas tem até cinco anos de experiência; cinco possuem de dez a quinze anos e três tem entre quinze a vinte anos que atuam nesse cargo.

O nível de ensino em que elas estão atuando pode ser observado na tabela 02.

Tabela 2 – Nível de ensino em que as pedagogas estão atuando.

Nível de Ensino	Frequência
Ensino Fundamental - 1º ao 5º ano	4
Ensino Fundamental - 6º ao 9º ano	1
Ensino Médio	1
Educação Profissional	1
Educ. Infantil e Ensino Fundamental - 1º ao 5º ano	2
Ensino Fundamental - 6º ao 9º ano / EJA	1
Total	10

Fonte: Elaboração própria a partir de levantamento realizado com os sujeitos.

Quanto às habilitações obtidas no curso, nove habilitaram-se em Supervisão Pedagógica; oito em Magistério das Matérias Pedagógicas; cinco em Magistério dos anos iniciais do Ensino Fundamental; cinco em Orientação Educacional; uma em Magistério da Educação Infantil e uma em Inspeção Escolar.

Oito entrevistadas cursaram Pós-Graduação em nível de Especialização. A tabela 3 apresenta a área de Especialização.

Tabela 3 – Área em que as pedagogas cursaram a Especialização.

Área de Especialização	Frequência
Psicopedagogia	03
Psicopedagogia e Gestão Escolar	02
Planejamento Educacional	01
Formação de Professores	01
Pesquisa em Educação	01
Total	08

Fonte: Elaboração própria a partir de levantamento realizado com os sujeitos.

3 O QUE AS PEDAGOGAS NARRAM SOBRE SUAS MOTIVAÇÕES E ESCOLHAS...

São variados os aspectos que conduziram as pedagogas⁴ a se identificarem com a área educacional. Ao elencarem os aspectos que foram responsáveis pelo seu processo de identificação com a área educacional, a maioria das profissionais aponta para mais de um aspecto, contudo, as narrativas indicaram que as respostas mais citadas recaem sobre “a opção pessoal e o gosto pela área educacional”. “É uma área que eu gosto mesmo, faço por prazer, porque eu gosto da área de educação, e gosto muito assim, de atuar com o grupo de professores, de alunos, na escola, então eu não vejo mesmo em outra área”, relatou a Pedagoga 04. “Então fiz Magistério por opção, não foi falta de opção não, quis, escolhi Magistério pra minha vida. Então todo curso que eu fiz de Educação, não foi por falta de opção, foi porque quis, foi por amor mesmo”, afirmou a Pedagoga 03. Outras duas entrevistadas explicitaram que:

Escolhi na época fazer o curso de Magistério, também não havia grandes opções na época, mas eram quarenta e quatro alunos na sala, quatro tinham escolhido o curso por opção e eu era uma das quatro (Pedagoga 06).

Olha, a minha identificação com a área educacional assim, eu não sei se é devido ao tempo que eu estou na Educação, mas eu aprendi, eu posso dizer assim, eu aprendi a gostar [...] E eu não estou aqui na escola só para cumprir meu trabalho. Nós fazemos parte da vida dessas crianças, a gente deixa marcas e isso pra mim é importante sabe (Pedagoga 09).

A “influência da família” também foi um aspecto bem evidenciado pelas entrevistadas. “Lá em casa todo mundo é professor. Então minha tia era Inspetora, minha prima é Inspetora. Então a família toda é virada pra Educação. Então acho que já está no sangue. (risos). Eu acho” (Pedagoga 07); “E aí como a minha tia era professora, a minha avó eu não tive oportunidade, assim, de conviver com ela enquanto professora, mas a minha tia era

⁴ Visando preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa adotamos a denominação Pedagoga. Um numeral acompanha cada sujeito para diferenciá-los.

professora, foi inclusive a minha professora na 3ª série, então isso também foi me influenciando” (Pedagoga 04).

No que concerne à influência exercida pela família, a partir das narrativas, foi possível observar, principalmente, o incentivo por parte da mãe. “Sou filha de professora. E desde criança já com aquela ideia de dar aula, de brincar e isso se tornou real quando ao concluir oitava série e fui fazer o Magistério, gostei” (Pedagoga 02). “Sonho de mãe. Minha mãe sonhava: ah eu queria tanto ter estudado, minha mãe não estudou. [...] Então minha mãe tinha a vontade de ter sido professora. Ela passou isso também pra gente” (Pedagoga 07).

Alguns sujeitos consideraram que a identificação com a área educacional se deu por “por falta de opção”. Assim, tendo cursado Magistério, acabaram se identificando com a área educacional. Também fazem referência a essa identificação pelo fato de o curso de Magistério ser uma “opção para o sexo feminino”, o que pode ser comprovado a partir dos relatos que seguem: “Foi uma época que era assim mulher fazia Magistério ou Contabilidade sabe? Então Contabilidade nunca me interessou, então eu fui para o Magistério, no meu Ensino Médio e com o Magistério eu me identifiquei”. (Pedagoga 01); “E não tinha muita opção também em Mariana. Aí eu fui, a única coisa que tinha era Magistério ou Contabilidade. Como eu nunca me vi muito nessa área de exatas, nunca me identifiquei, aí eu fui para o Magistério” (Pedagoga 04); “Porque, na verdade, a gente aqui em Itabirito, a gente não tinha muita opção de segundo grau. [...] E a família cobrava da gente que a gente tinha que fazer magistério, eu lembro disso, moça tem que fazer magistério e tal” (Pedagoga 05).

Os relatos das Pedagogas 09 e 10 reiteram a fala das demais entrevistadas:

Olha, na época, eu morava num distrito, de Alvinópolis, que é Fonseca, e lá [Alvinópolis] só tinha o Ensino Fundamental. Então eu tive que sair para estudar e lá só tinha o Magistério e Técnico em Contabilidade. A gente não podia estudar a noite que os pais não gostavam e aí o único curso que tinha de manhã era o Magistério. Então assim, na época eu não me identifiquei assim, de cara com o curso. Eu não tinha muita opção sabe. Então foi por isso (Pedagoga 09).

Bom, eu fiz Magistério, não foi por escolha, foi por falta de opção. Para mim tanto faz ou tanto fez se fosse Magistério ou qualquer outra. Não que eu não queria Magistério, mas o que eu queria não tem nada haver com a área, era Prótese Dentária e onde eu morava tinha, mas como eu mudei para cá [Itabirito] aqui não tinha o curso de Prótese Dentária (Pedagoga 10).

As entrevistadas também salientaram outros aspectos que foram fundamentais para que elas se identificassem com a área educacional, como: “o desejo e o sonho de criança” e a “influência exercida pela escola, pela catequese e pelos professores”.

Ao evocar o seu sonho de criança, a Pedagoga 06 relatou que “desde que eu me entendo por gente, eu sabia que eu seria professora. Nunca tive uma dúvida na minha vida do

quê que eu ia fazer”. Essa questão também fez com que as Pedagogas 04 e 05 recordassem seus desejos e suas histórias da infância.

Eu gostava de chegar em casa, as vezes nem almoçava, eu já pegava o caderno, eu queria lembrar o quê que foi estudado, e aí eu brincava de professora, de dar aula. E isso tudo foi influenciando também para o magistério. Então, eu sou filha única. E aí, como eu ficava encantada com o trabalho das professoras, aí eu chegava em casa, e eu criava alunos fictícios, fazia chamada, desenvolvia um conteúdo, normalmente era o que eu tinha aprendido na escola. Aí eu dava aula, chamava a atenção, eu reproduzia aquilo que o professor fazia em sala, [...] (Pedagoga 04).

Desde que eu era pequena, eu lembro das minhas brincadeiras, eu brincava de ser professora, e eu lembro do natal que eu ganhei um quadro negro e eu achei o máximo porque o Papai Noel tinha me dado, [...] eu podia dar aula, eu podia brincar com as minhas bonecas de dar aula. Eu lembro que eu pegava os meus livros do ano anterior pra poder brincar de dar aula, eu fazia os planejamentos, eu tinha o caderninho para poder brincar e dar aula. Então eu acho assim, isso vem de muito tempo, acho que desde que eu era pequena que eu sinto essa identificação. E isso ficou mais evidente ainda quando eu fui fazer o magistério (Pedagoga 05).

Com relação aos aspectos, “influência exercida pela escola; pela catequese e pelos professores”, podemos identifica-los nas falas da Pedagoga 03 e 01. A primeira faz menção ao gosto pela escola e a atividade que desenvolveu como catequista: “Gostava de escola, desde nova fui catequista, gostava muito de criança, sempre me identifiquei muito com educação” (Pedagoga 03); a segunda traz na sua narrativa o prazer pelo ambiente escolar:

Foi então o curso, o curso foi aonde eu fiz foi determinante para eu gostar do ambiente de escola e aí eu fiz estágio na escola perto da minha casa [...] então eu me lembro, na minha pouca memória, que me deu muito prazer eu voltar como estagiária na escola que eu estudei até a quarta série, num ambiente que era meu, que era familiar, entendeu, eu acho que tudo isso foi determinante para eu realmente querer seguir a carreira do Magistério (Pedagoga 01).

Essa mesma Pedagoga, ainda cita em sua entrevista a influência que recebeu de alguns professores.

[...] na trajetória completa do Magistério e Pedagogia eu encontrei pessoas com as quais eu me identifiquei. Professores no ISAP, eu encontrei professores com os quais, com os quais eu me identifiquei, por exemplo, eu me identificava muito com a Irmã Elisa que era professora de Inglês e de Religião. Mas eu me identifiquei com a maneira dela de trabalhar. Nunca quis Inglês ou Religião para mim, mas a postura dela como educadora foi determinante (Pedagoga 01).

Uma das entrevistadas, a Pedagoga 10, também trata da influência da família ao falar de sua identificação com a área educacional, contudo, distintamente das demais, traz uma outra perspectiva. Ela concebe a escola como uma família e acentuou a relevância da família e da educação enquanto “instituição”. Posto isto, evidenciou o papel de ambas as instituições na formação dos indivíduos. Segundo ela,

[...] eu acho que quando a gente é muito família assim, a gente acaba se identificando com a escola também por causa disso. Porque a escola acaba sendo uma família. Tem os adultos responsáveis e tem as crianças que a gente está ali para estar orientando e para estar cuidando. Então acho que essa orientação, essa questão da formação é que me faz identificar muito com a escola. Essa preocupação com o formar o ser para sociedade, para o mundo, para vida própria dele, eu acho que o principal foco meu de ligação mesmo com escola, dessa relação, desse gostar, desse prazer é com a formação do outro (Pedagoga 10).

Ao narrarem sobre a sua motivação para cursar Pedagogia, constatamos que para a maioria das entrevistadas o curso de Magistério foi decisivo, acompanhado, é claro, de um interesse próprio, apresentado por cada sujeito.

A partir das respostas obtidas foi possível identificar que a motivação aparece intimamente relacionada à questão tratada anteriormente, ou seja, a motivação para cursar Pedagogia tem estreita relação com aqueles aspectos que as conduziram a se identificar com a área educacional, dentre os quais podemos citar: “por opção, por gostar”; “pelo interesse”; “por influência da família, de professores, da catequese”. A esses aspectos, acrescentam-se: “por exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96)”; “por influência de colegas”; “pela possibilidade de habilitações oferecidas”; “pelo aprimoramento” e “pela compreensão da finalidade da educação”. Apenas uma entrevistada salientou que fez o curso “por falta de opção”.

Entre aqueles sujeitos que disseram que a sua motivação é proveniente do próprio interesse, destacamos o relato da Pedagoga 04, a qual revela que:

É a motivação eu tinha, porque eu tinha interesse pela área e aí eu não conseguia me ver em outra área, eu queria mesmo a Pedagogia, e como na UFOP não tinha o curso de Pedagogia tinha em Belo Horizonte e Viçosa, aí eu acabei me inscrevendo em Viçosa e eu já estava motivada mesmo a fazer o curso, já era o que eu estava querendo para mim como minha profissão. (Pedagoga 04)

Nas narrativas das entrevistadas que cursaram Pedagogia, influenciadas pelo curso de Magistério, é possível evidenciar que esse curso foi decisivo para que elas ingressassem na Pedagogia, mas ao mesmo tempo, contribuiu para que elas tomassem gosto e se decidissem por atuar na área de Educação.

A motivação veio do Magistério, mesmo, foi do Magistério de realmente eu ter me identificado, aliás não só do Magistério, mas da minha trajetória escolar mesmo. Aluno, enquanto aluno e depois enquanto Magistério, aí já atuando no estágio e tem uma coisa também que é interesse. Eu acho que vale a pena destacar, eu dava catecismo na igreja e eu gostava daquilo, de dar catecismo, eu era uma professora. Numa época também que era bem respeitado a catequista, a catequese era respeitada como uma professora de Religião lá na igreja. E eu gostava então aquilo misturado com a minha trajetória escolar, acabou me incentivando a fazer pedagogia [...] Em nenhum momento eu pensei em outra área. Nunca me imaginei em outra área sabe? (Pedagoga 01).

[...] na verdade, era algo que eu sempre, no fundo eu sempre quis. Eu lembro que na época, quando eu tive que escolher o curso, eu fiquei entre dois cursos. O de Psicologia e o de Pedagogia. E no final acabou pesando Pedagogia, porque eu pensei assim, bom, eu já fiz Magistério, dentro de Pedagogia eu vou ver Psicologia e era uma das matérias que eu mais gostava no Curso de Magistério. [...] sempre foi uma área que eu quis atuar que era a área da Educação, então eu acho que a motivação para fazer Pedagogia começou aí, desde o Curso de Magistério (Pedagoga 05)

[...] fui fazer o Magistério que era o curso que tinha de dia. Aí fiz, mas me empolguei. Hoje, a nossa Secretária de Educação, a Ana Góis foi uma das professoras ou a professora que me encantou pelo Magistério. Então assim, ali eu comecei a gostar, comecei a realmente me interessar e aprofundar, querer entender, ter vontade de ir para sala de aula (Pedagoga 10).

Na escolha pela Pedagogia, a influência da mãe também exerceu um papel considerável para a Pedagoga 2, o que pode ser observado no excerto abaixo:

Olha, honestamente a motivação maior foi por parte da mãe. Eu era muito nova, ainda não tinha condição de muita escolha. Então mamãe por ser professora, eu já havia feito Magistério, ela sempre incentivou muito essa área porque ela sempre gostou muito de ser professora também. Então veio muito por parte dela. Mas o permanecer já foi uma escolha minha (Pedagoga 02).

Ainda assim, ela declarou que “[...] mas a minha motivação veio também a partir do momento que eu consegui compreender o que é você contribuir para o processo de aprendizagem” (Pedagoga 02).

Outros fatores, como a influência exercida pelos colegas, também motivaram os sujeitos a ingressarem na Pedagogia. A Pedagoga 03 narra sobre esta influência. “É igual eu te falei, eu acho que me inspirei na Silmara. Quando eu comecei a trabalhar, depois que comecei a trabalhar com Educação de Jovens e Adultos, ela me ajudou muito. Eu me espelhei nela para fazer Pedagogia”. E, ao relatar o aspecto que mais lhe chamou a atenção na atuação da colega de trabalho que naquela época era sua supervisora, ela explicitou: “Acho que é gostar do que ela fazia. Acho que ela gosta, gostava do que fazia. Sentia prazer em fazer, então acabava passando prazer para gente” (Pedagoga 03).

A Pedagoga 10 também relata a influência que recebeu de suas colegas. Como trabalhava fora da cidade onde residia, ela morava em uma república de professores e a convivência, o ambiente com as demais acabou por influenciá-la. Isso pode ser observado em sua fala.

[...] então eu morava numa república de professores. [...] E as meninas todas estavam estudando em Lavras. E final de semana e fazendo trabalho e aquela coisa e eu ali assim meio que meio perdida ali naquele meio. Todo mundo a noite cada uma ia para seu quarto fazer trabalho ou sentava todo mundo, junta para discutir alguma coisa. E eu às vezes até ajudava a fazer uma coisa ou outra, aí falei ah quer saber eu vou fazer essa tal dessa Pedagogia aí, já estou dentro da escola mesmo, vamos ver no quê que vai dar.[...] Eu tinha prestado para Psicologia e prestei para, foi um dos

interesses que eu tive durante o Magistério e prestei para Pedagogia também. Consegui passar na Pedagogia e fui. E apaixonei. Gostei muito. (Pedagoga 10)

A Pedagoga 03 afirmou que, além da influência que recebeu da colega de trabalho, também cursou Pedagogia por exigência da LDB 9.394/96. Dessa mesma forma, ingressou nesse curso a Pedagoga 07 que mencionou já possuir um interesse. “Nós já tínhamos vontade”, contudo, a lei contribuiu para concretizar esse interesse. “Eu acho que o governo tinha soltado aquela lei dos dez anos, você tinha que ter uma graduação. Não teve um negócio desses?” (Pedagoga 07).

Já para a Pedagoga 09, a motivação estava relacionada ao aprimoramento, uma vez que ela já estava trabalhando na área de educação quando decidiu cursar Pedagogia. Dessa forma, registrou que:

Olha, eu já estava na área da Educação. Comecei na Educação trabalhando na Secretaria da escola, surgiu a oportunidade de trabalhar com aula de Geografia de quinta à oitava, fiz o CAT⁵, a Superintendência lá era em Ponte Nova, fiz o CAT comecei a dar aula e aí surgiu necessidade também de estudar. E uma vez que eu já estava naquela área eu busquei me aprimorar em conhecimento naquela área (Pedagoga 09).

A profissional que declarou sua escolha pelo curso Pedagogia não por falta de opção, mas por influência do curso de Magistério, assim salientou:

[...] se eu tivesse opção eu teria ficado só no Magistério. Não teria, na época, não teria partido para Pedagogia, se na época eu tivesse escolhido, poderia escolher eu teria feito uma graduação no Curso Normal mesmo. Acho que faz muita falta para o Pedagogo não ter a base do Magistério. Eu acho que é uma ligação muito forte aí, que lá no nosso caso, por exemplo, no Instituto de Educação ou você só tinha o seu diploma de Pedagogo se você tivesse feito Magistério ou comprovasse um ano de docência. Então eu acho que isso é uma coisa importante, que isso realmente faz falta aí, faz a diferença (Pedagoga 06).

Constatamos, no entanto, que seu objetivo era ingressar na área educacional, já que seu desejo era o de matricular-se no curso Normal Superior. Todavia, durante seu depoimento essa entrevistada se diz realizada após ter cursado Pedagogia.

Uma das participantes, a Pedagoga 08, foi a única que não cursou o Magistério. Esta considerou que ainda não tinha clareza do que gostaria de fazer, mas acreditava que a sua motivação para cursar Pedagogia se deu em função das habilitações que eram oferecidas pelo curso de Pedagogia. Na concepção dela, esse curso dava uma possibilidade muito ampla.

⁵ O Certificado de Avaliação de Título (CAT) é uma autorização a título precário concedida pela Superintendência Regional de Ensino / Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, pelo prazo de 1 ano, com vistas a autorizar o profissional que tenha curso superior ou que ainda esteja cursando, mas não é habilitado para o conteúdo que pretende lecionar. O setor responsável da Superintendência examina os documentos e verifica a disciplina e o nível de ensino para o qual o candidato está apto a lecionar. Caso o candidato preencha as exigências mínimas, será emitido o CAT.

Ó na época que eu escolhi o curso, é, porque o curso ele, ele dava uma possibilidade muito ampla. [...], na verdade porque eu não tinha muito certo assim o quê que eu queria fazer. Eu sabia que eu queria fazer alguma coisa da área de humanas. O curso de Pedagogia era um curso que me agradava mais [...] na época que eu me formei, esse curso ele dava, eu saí de lá com quatro habilitações. Então assim é, eu fui mais por isso, e também depois existia a possibilidade de fazer um Pedagogia Empresarial [...] Aí eu fui fazer por isso, pelo leque de possibilidades que o curso oferecia (Pedagoga 08).

Sobre a escolha por uma faculdade e uma profissão hoje, 90% das entrevistadas optariam novamente por cursar Pedagogia. Apenas uma delas mencionou que faria outra faculdade, contudo, essa seria voltada para a área de Ciências Humanas, pois na concepção desta profissional, o novo curso a permitiria extrapolar os conhecimentos para além da sala de aula, da escola. Seu objetivo ao cursar um novo curso hoje seria unicamente para ajudar, para entender melhor as questões que perpassam e influenciam a educação.

Hoje? (risos) se eu fosse escolher hoje? [...] Mas hoje eu acho que, eu vejo que minha área é Humanas mesmo. Talvez se eu fosse fazer uma faculdade hoje eu faria Serviço Social porque eu acho que eu me identificaria, Psicologia. Eu não sei assim te explicar porque, mas eu tenho vontade de ajudar. Como eu te falei, a gente tem alunos que dão muito problema. Mas esse problema está além da sala de aula. Então acho que seria por isso (Pedagoga 09).

Um grupo confirma a sua escolha pela Pedagogia em função de se sentir realizado e por não se imaginar atuando em outra área. “Hoje, se eu pudesse escolher eu escolheria de novo, é, é ser Pedagoga. Eu gosto muito, [...] eu seria exatamente o que eu sou [...] eu escolheria fazer Pedagogia e escolheria ser supervisora” (Pedagoga 08). Isso também pode ser observado nos excertos abaixo:

Hoje? (risos) Ó, profissão eu continuo na Educação. Não mudaria, não mudei, sempre quis desde nova, agora que não mudaria mesmo. Ah, gosto do que faço e também é o que eu sei fazer né? [...] É o que eu sei fazer, é o que eu sei lidar, é com a Educação. Gosto e é o que eu sei, a essa altura do campeonato não ia fugir da Educação (Pedagoga 03).

Se eu fosse escolher? Eu escolheria Pedagogia, não tenho dúvida. E assim, acho que a mesma instituição que eu formei, porque me deu uma boa base. [...] eu tive uma boa base, uma boa formação. [...] Pedagogia, com certeza, eu não faria outra coisa, eu não consigo me imaginar (Pedagoga 04).

Acho que eu não escolheria diferente não. Acho que, na verdade, seria algo ligado à Educação. Sinceramente, eu não me imagino fazendo outra coisa, já tentei, sabe, já tentei pensar, gente, para que lado eu vou, porque se eu fosse fazer uma outra faculdade eu faria um curso diferente? Mas eu não imagino (Pedagoga 05).

Eu não arrependi da Pedagogia não, eu adorei. Não, eu faria a mesma. Eu dou certo de primeiro ao quinto [ano do Ensino Fundamental]. [...] Eu não mudaria não, faria essa mesmo. Eu gosto (Pedagoga 07).

Para a Pedagoga 10, o pedagogo exerce um papel social que ela considera ser prazeroso, por isso, escolheria a mesma profissão, conforme descreveu no excerto que segue.

Se eu tivesse que escolher hoje? Eu escolheria a Pedagogia de novo. Ah porque eu me realizo. Porque é tudo de bom (risos). Eu gosto muito, muito, muito. Eu acho que o prazer de passar o conhecimento e ajudar a criança a construir o conhecimento é impar, é muito significativo. [...] E o nosso papel social, eu acho que nessa profissão a gente consegue exercer um papel social legal. [...] Como é prazeroso você ver um adolescente que está naquele meio que não é legal e que está num caminho errado ou que tem tudo para estar no caminho errado e a gente consegue ser uma das pessoas que ajuda a mudar essa história de vida dele. Então eu acho que dentro da Pedagogia tudo isso eu consigo realizar (Pedagoga 10).

A Pedagoga 01 destaca que escolheria de novo a mesma faculdade, no entanto, faz questão de frisar que para trabalhar na área de educação é necessário gostar do que faz e gostar de enfrentar desafios, que são muitos. Ela chega, inclusive, a aconselhar quem pensa em atuar nesta área. Segundo ela,

Eu escolheria de novo a mesma faculdade e a mesma profissão, eu acho que pouca coisa eu faria diferente. [...] Eu acho que a Educação [...] é uma área que a gente tem que ter muita vontade, porque se você não tiver vontade você não vai fazer bem feito. Então hoje, uma pessoa que vem me pedir opinião: O quê que você acha? Gostar. Se tiver a fim de enfrentar muito desafio fica, mas se não [...] Então aí eu aconselho a desistir. Porque é uma área de desafios muitos sérios, que a gente está mexendo com a vida do ser humano né? [...] a gente vai marcando positivamente ou negativamente com atitudes que às vezes vai refletir lá na frente. Às vezes você pode marcar uma criança e depois ela ficar boa ou ótima, mas se for ruim. Então eu acho que assim, eu escolheria de novo, eu não me vejo em outra profissão não (Pedagoga 01).

A Pedagoga 02 expõe o seu gosto pela profissão, no entanto, explicita aspectos que necessitam ser revistos na área de educação como o salário e o reconhecimento profissional. Apesar de, segundo ela, estar aprendendo uma nova prática, não tem interesse em abandonar a profissão de pedagoga. No seu relato, registra que:

Olha, eu gosto muito da minha profissão, [...] pelo que eu faço, eu não escolheria outra. O único aspecto a ser levado em conta é o financeiro. Que a gente ainda sonha com um reconhecimento do profissional. Mas não mudaria a minha profissão. Eu posso agregar outra como tenho buscado, estou aprendendo também uma outra profissão totalmente assim, outra prática, mas não quero desligar da minha profissão pedagoga, minha profissão educadora (Pedagoga 02).

A Pedagoga 06, apesar de ter sido a única que declarou ter cursado Pedagogia por falta de opção porque o seu desejo era no curso Normal, também reafirmou o seu interesse na profissão já escolhida. Segundo ela,

Eu escolheria a Pedagogia e escolheria o Instituto de Educação (risos). [...] Hoje eu faria Pedagogia, não faria Magistério. Eu acho que Pedagogia me dá possibilidade de fazer muito mais pela Educação do que só o Magistério, porque o alcance do Pedagogo é maior do que o Professor. O professor está dentro da sala e o Pedagogo trabalha a formação desse professor. [...] então se daquela época eu escolhi porque não havia outra possibilidade, hoje eu escolheria porque é isso mesmo que eu quero fazer (risos) (Pedagoga 06).

Os relatos colhidos das entrevistas realizadas com as pedagogas e apresentados nesta seção ilustraram os motivos, os aspectos e as razões que conduziram essas profissionais a optarem pelo curso de Pedagogia. Esses relatos também nos permitiram fazer algumas reflexões acerca dessa temática.

4 ALGUMAS REFLEXÕES

A abordagem adotada permitiu levantar a produção de conhecimentos experienciais dos pedagogos, apreender suas memórias e histórias, bem como evidenciar seus sentimentos e representações acerca de suas escolhas. Para Delory-Momberger (2011, p. 341),

O que dá forma à vivência e à experiência dos homens são as narrativas que delas se produzem. Assim, a narração não é somente o sistema simbólico pelo qual os indivíduos conseguem *expressar* o sentimento de sua existência: a narração é também o espaço em que o ser humano *se forma*, elabora e experimenta sua história de vida.

Também para Abrahão, a memória é um fator decisivo na construção das narrativas.

A pesquisa autobiográfica - Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memoriais - não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória (ABRAHÃO, 2003, p. 80).

A autora ainda ressalta que o pesquisador ao adotar esta metodologia e trabalhar com fontes desta natureza “sabe-se, desde o início, trabalhando antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividades, portanto, antes do que com o objetivo” (ABRAHÃO, 2003, p. 80).

Dessa forma, essa abordagem nos possibilitou compreender as implicações contidas no processo de escolha dos sujeitos por uma área de atuação profissional. A construção se deu levando em consideração as singularidades e subjetividades dos sujeitos entrevistados, aspecto que é destacado por Souza (2006) e também por Delory-Momberger, quando essa última autora expõe a finalidade da entrevista de pesquisa biográfica “apreender a singularidade de uma fala e de uma experiência” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 526).

A pesquisa revelou os fatores que exerceram influência significativa para que os sujeitos viessem a se identificar com a área educacional. Dentre esses, estão a opção pessoal; o gosto pela área educacional; o desejo e o sonho de criança; a influência da família e até mesmo, a falta de opção. Ao falarem sobre a sua motivação para ingressar no curso de Pedagogia, foi constatado que essa motivação tem estreita relação com os aspectos que os

conduziram a se identificar com a área educacional. Vários foram os fatores que contribuíram para determinar as escolhas dos participantes da pesquisa em relação ao curso de Pedagogia: por falta de opção; por opção, por gostar; por influência do Magistério; por influência da família; por influência de professores; por influência da catequese; por exigência da LDB. nº 9.394/96; por interesse próprio; pelas habilitações ofertadas no curso; pelo aprimoramento; por influência de colegas; por compreender a finalidade da educação.

Observou-se que ora esses fatores surgem de questões pessoais, ora são provenientes da influência que o ambiente exerceu sobre os sujeitos, seja essa influência exercida no ambiente familiar ou na escola, durante a trajetória escolar do sujeito, do estágio ou mesmo em sua atuação profissional. Há também uma influência relativa ao contexto social da época em que realizaram o curso e a importância dada à época aos cursos que formavam normalistas. A maioria dos protagonistas desta pesquisa (nove), primeiro, ingressou no curso de Magistério e, posteriormente, no curso de Pedagogia.

No que tange ao curso de Magistério, é possível perceber que este conduziu algumas das profissionais entrevistadas à carreira de pedagogas, uma formação recomendada também por ser considerada a mais adequada ao gênero feminino. O curso de Magistério se constituiu, aos nossos olhos, como um fator que exerceu grande influência para que as pedagogas se identificassem com a área educacional. Muitas, a princípio, não tinham o interesse em fazê-lo, contudo, ao cursá-lo foram tomando gosto pela profissão e consolidando o interesse em atuar na área educacional. Esse aspecto remete a relação de proximidade existente entre o curso Normal e o curso de Pedagogia, questão que já foi apontada no estudo de Cruz (2011).

Muitos dos relatos demonstram que as atividades vivenciadas no e a partir do curso de Magistério, como o estágio e a lembrança de alguns professores, foram capazes de influenciar a decisão de seguir a carreira de educação. Não só os professores, mas também os colegas de trabalho e os momentos de convivência que colaboraram para a decisão destes profissionais em cursar Pedagogia.

Gatti e Barretto (2009) apresentam as principais razões que conduzem os estudantes a escolherem a licenciatura. Dentre as opções elencadas, foram selecionadas algumas que são semelhantes às explicitadas neste texto: “Por influência da família; Porque tive um bom professor que me serviu de modelo” (GATTI; BARRETTO, 2009, p.159).

A interferência da família se manifestava no desejo dos sujeitos realizarem a vontade de seus pais, seja no sentido de dar continuidade à profissão da mãe ou pela valorização que os pais conferiam aos estudos. Pinheiro e Romanowski (2010, p.144) destacaram “que o magistério configura-se como escolha profissional por influência familiar e gênero (a maioria

dos alunos é do sexo feminino)”. A influência familiar também foi ressaltada por Saraiva e Ferenc (2010), que ainda citaram a influência dos amigos e a proximidade do curso com uma área de conhecimento desejada, no caso, a Psicologia.

A investigação deixou claro que a opção pelo curso não se dava apenas em função do interesse próprio do aluno, pois questões como gênero, tempo histórico e espaço geográfico influenciavam essa escolha. Mediante o exposto, podemos confirmar as ideias de Cunha (1997) ao identificarmos nas falas das entrevistadas as referências que determinaram suas escolhas. Essa autora relata que “o professor constrói sua performance a partir de inúmeras referências. Entre elas estão sua história familiar, sua trajetória escolar e acadêmica, sua convivência com o ambiente de trabalho, sua inserção cultural no tempo e no espaço” (CUNHA, 1997, p. 189).

Nesta pesquisa também se mostra relevante destacar a posição de alguns entrevistados quando esses apontam a seriedade que o trabalho da área de educação exige e o seu papel social. Constatamos ainda que todos os sujeitos que compuseram o *corpus* empírico deste trabalho encontram-se realizados na profissão que escolheram, o que demonstra que, apesar da desvalorização pela qual a área educacional vem passando, como já foi explicitado por Gatti, Barreto e André (2011), ainda há profissionais que acreditam no potencial dos educadores e na capacidade que a educação possui de transformar as pessoas e essas transformarem o contexto social.

Goodson (1992) afirma que precisamos saber mais sobre as vidas de professores, (re)conceptualizando a investigação educacional, de modo a assegurar que a voz do professor seja ouvida. Surpreender esta voz para captar não só o profissional com a sua prática, mas fundamentalmente a sua vida, as suas experiências e o seu olhar. Assim, estamos recuperando a identidade do professor e mostrando que “o principal ingrediente que vem faltando nas pesquisas na área de educação é a voz do professor” (GOODSON, 1992, p. 71).

Neste sentido, julgamos que esta pesquisa contribuiu para reiterar a utilização da abordagem biográfica, propiciando assim, a renovação metodológica, como também colaborou para evidenciar as vozes dos sujeitos que fazem a educação e colocá-los no centro do debate das pesquisas educacionais.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 74-95, set. 2003.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação** – uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. Parecer nº 252/69. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados na organização do curso de Pedagogia. Relator: Valnir Chagas. In: **Documenta**, nº 100, abr. 1969, p. 101-139.

_____. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

BRAÚNA, R. de C. A. A construção da identidades profissionais de estudantes de Pedagogia. In: **Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, XXXII, 2009, Caxambu. Disponível em: <<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/posteres/GT08-5280--Int.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2015.

CARVALHO, M. P. Trabalho docente e relações de gênero Algumas indagações. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 77-84, maio/jun/jul. 1996. Disponível em: <http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE02/RBDE02_08_MARILIA_PINTO_DE_CARVALHO.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2015.

CRUZ, G. B. da. **Curso de Pedagogia no Brasil: história e formação com pedagogos primordiais**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

CUNHA, M. I. Conta-me agora. As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, p.185-195, jan./dez. 1997.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação** v. 17, n. 51, p. 523-536, set.-dez. 2012.

_____. Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação. **Educação em Revista**. Belo Horizonte: v. 27, n. 01, p. 333-346, abr. 2011.

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. de S. **Professores do Brasil: impasses e desafios**.

Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682por.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2013.

_____; ANDRÉ, M. E. D. de A. **Políticas Docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO, 2011.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto 1992.

PINHEIRO, G. C. G.; ROMANOWSKI, J. P. Curso de Pedagogia: formação do professor da Educação Infantil e dos anos séries iniciais do Ensino Fundamental. **Formação Docente**,

Belo Horizonte, v. 02, n. 03, p. 136-151, ago./dez. 2010. Disponível em:
<<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/8/24/1>> Acesso em: 03 mar. 2015.

SARAIVA, A. C. L. C.; FERENC, A. V. F. A escolha profissional do curso de pedagogia: análise das representações sociais de discentes. In: **Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, XXXIII, 2010, Caxambu.

Disponível em:

<<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT08-6350--Int.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2015.

SOUZA, E. C. de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan/abr. 2006.

Recebido em: 03 de outubro de 2016

Aceito em: 21 de março de 2016